

Esta bula é continuamente atualizada. Favor proceder a sua leitura antes de utilizar o medicamento.



Universidade de Brasília

IdA | VIS

EX-CONTOS

LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS
BRASÍLIA 2017

Trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas, habilitação em Bacharelado, do departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Orthof.

COMPOSIÇÃO | SUMÁRIO

LISTAS DE IMAGENS

FORMAS FARMACÊUTICAS E APRESENTAÇÕES

1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

. *Um Conto*

2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

. *Mapeando os contos. Memórias Viagens. Vestígios*

3. QUANDO NÃO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

. *Eis que surgem Contos*

4. O QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

. *“minha mãe menininha...”*

7. O QUE DEVO FAZER QUANDO EU ME ESQUECER DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

. *Capítulo Sete*

DIZERES LEGAIS – Considerações Finais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORMAS FARMACÊUTICAS E APRESENTAÇÕES

Embalagens contendo Ex-contos revestidos.

USO UTÓPICO

USO ADULTO E PEDIÁTRICO

COMPOSIÇÃO

Prof. Dr. Geraldo Orthof

Profª. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo

Ralph Tadeu Gehre | Artista Plástico

INFORMAÇÕES AO PACIENTE



UnB



LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS

EX- CONTOS

BRASÍLIA 2017

LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS

EX- CONTOS

Trabalho de conclusão de Bacharelado em
Artes Plásticas, do departamento de Artes
Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Orthof.

BRASÍLIA 2017

LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS

EX- CONTOS

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para a obtenção do título em Bacharelado em Artes Plásticas no Programa de Graduação em Arte Plástica da Universidade de Brasília – UnB

Banca Examinadora

Prof. Dr. Geraldo Orthof.

Ralph Tadeu Gehre | Artista plástico

Prof^ª. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo

BRASÍLIA 2017

SUMÁRIO

LISTAS DE IMAGENS.....	3
FORMAS FARMACÊUTICAS E APRESENTAÇÕES	5
1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO? . Um Conto.....	6
2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA? Mapeando os contos. Memórias Viagens. Vestígios.....	8
3. QUANDO NÃO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO? . Eis que surgem Contos.....	11
4. O QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTE MEDICAMENTO? “minha mãe menininha...”	23
7. O QUE DEVO FAZER QUANDO EU ME ESQUECER DE USAR ESTE MEDICAMENTO? . Capítulo Sete.....	26
DIZERES LEGAIS – Considerações Finais	35
REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS.....	38

LISTAS DE IMAGENS

Fig.1: Ex- votos. Juazeiro do Norte – CE, 2013. Arquivo pessoal	9
Fig.2: Ex- votos Candangos, 2013. Léia Magnólia	9
Fig.3: Galeria Psicoativa – Inhotim. Tunga	11
Fig.4: Guardo milagres inalcançados, 2014. Léia Magnólia.....	12
Fig.5: Frustrari , Série : Dor. 1989 . Vilma Slomp	13
Fig.6: Guardo milagres inalcançados, 2014. Léia Magnólia.....	13
Fig.7: Gabinete de Curiosidades, 2014. Daniel Malva	14
Fig.8: Gaveta Notória, 2015. Léia Magnólia.....	16
Fig.9: Gaveta Notória, 2015. Léia Magnólia.....	16
Fig.10: Cupom fiscal - colagem em caderno. 2017. Léia Magnólia.....	17
Fig.11: Escrita automática, 2017. Léia Magnólia.....	19
Fig.12: Ex- contos, 2017. Léia Magnólia.....	19
Fig.13: Sem título, 2016. Léia Magnólia.....	21
Fig.14: Escrita automática e captura de tela com lembrança, 2017 Léia Magnólia. Transcrição	22
Fig.15: Frame do filme – Clarita, 2007	23
Fig.16: Apagamento, 2017. Léia Magnólia.....	25
Fig.17: Anotações de Gê Orthof – Mapa da Léia em Ateliê II. Arquivo Pessoal, 2017	27
Fig.18: Detalhe do estandarte de Arthur Bispo do Rosário	29
Fig.19: Detalhe do álbum com escritas de Noélia. Arquivo pessoal.....	30
Fig.20: Detalhe do álbum com escritas de Noélia. Arquivo pessoal.....	30
Fig.21 e 22: Sem título e Escrita automática, 2017. Transcrição	32
Fig.23: Objeto feito em 7 de setembro de 2017. Léia Magnólia.....	33
Fig.24: Assemblage - Caixa de remédio, recorte de bula (itens 3,4 e 7) objetos. Léia Magnólia.....	34
Fig.25: Processos. Arquivo pessoal. Léia Magnólia.....	34
Fig.26: Processos. Arquivo pessoal. Léia Magnólia.....	35
Fig.27: Processos. Arquivo pessoal. Léia Magnólia.....	35
Fig.28: Processos . Ex- Contos. Arquivo pessoal. Léia Magnólia.....	36
Fig.29: Processos detalhes do objeto Ex-Contos. Arquivo pessoal. Léia Magnólia.....	37

Esta bula é continuamente atualizada. Favor proceder a sua leitura antes de utilizar o medicamento.

“Sempre gostei de bagunça. Não de ordem nem desordem. Bagunça. O que tenho a mão vou mexendo até perder, pra depois achar de novo. Achando o que perdi acho o novo de novo, reencontro o novo no velho – é como a luz, a velha luz, descansada é sempre nova de novo”.
Tunga

FORMAS FARMACÊUTICAS E APRESENTAÇÕES

Embalagens contendo Ex-contos revestidos.

USO UTÓPICO

USO ADULTO E PEDIÁTRICO

COMPOSIÇÃO

Prof. Dr. Geraldo Orthof

Ralph Tadeu Gehre | Artista Plástico

Prof^a. Dra. Denise Conceição Ferraz de Camargo

INFORMAÇÕES AO PACIENTE

“...Até que um dia ela ficou muito doente. A memória dela ficou cega. O labirinto dela entrou na neblina. Falam em Alzheimer. E ela já não se lembrava de nada nem de ninguém. E ficava sentada nessa cadeira na frente da televisão que passava novelas. O dia inteiro.”

Solos de Memória – Uma Certa Companhia –

1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

Um Conto

O Alzheimer é muito cruel, o esquecimento é apenas o início de uma trajetória difícil e incompreendida. Não se fala da sua nebulosa ação em mentes que vivem o processo de apagamento.

O Alzheimer não se resume ao esquecimento, vai muito mais além. A pessoa nessa condição se perde, se apaga e não consegue se defender. Digo *condição*, pois percebi que o Alzheimer deixa de ser uma doença e passa a ser, de fato, uma condição de vida, condição de apagamento. Vive-se dentro de uma gaveta sem fundo.

Escrever sobre a doença não tem sido uma tarefa fácil, no entanto sinto que – *eu preciso destas palavras escritas* – algumas pessoas se interessam pelo assunto. Muitas não pela curiosidade, mas pela necessidade que surge quando o Alzheimer se instala em suas vidas sem pedir licença. Acham bonita a nossa história, esquecem que nela existem dias e dias seguidos por uma degeneração insistente, ciclos cíclicos, repetições e rotina. Te julgam por não ser um poço de paciência, e nós nos julgamos por reconhecermos isso.

Ouvi dizer que a culpa é um saco sem fundo e isso serviu para me manter em pé. A culpa invalida nossas lutas diárias, camuflam os pensamentos seguidos por achismos. A dor do outro nunca será a nossa. Nossa dor e nosso sofrer se dão pela impotência de sermos seres humanos limitados. Sentimos muito ao sermos expectantes, espectadores, meros observadores da grandiosidade e complexidade da vida e do que dela nos escapa.

Sempre acreditei que é egoísmo querer prolongar a vida de alguém a qualquer custo e sofrimento, pelo simples fato de não saber perder, não querer perder quem se ama e nem sofrer com a morte, com a dor. A outra face do mesmo egoísmo é tentar minimizar, a qualquer custo o martírio, de quem sofre. Digo isso porque experiências são subjetivas e íntimas.

Eu conheci um senhor muito simpático no hospital, Seu J., que também estava em um momento difícil. Compartilhou parte da sua história comigo e me falou sobre o caso da sua esposa, suas angústias e memórias com a companheira. Voltei a pensar nas lembranças, na fragilidade da vida e nas memórias que nos cercam e nos tornam quem somos.

Das várias palavras ditas naquela sala de espera, guardei o seguinte trecho: *“ela foi minha melhor amiga, minha noiva, minha esposa e agora é como uma filha...”*. Ele cuidava da sua companheira, assim como o meu pai cuidou de minha mãe.

A minha família se manteve em pé graças a nossa base, meu pai, que nasceu no Dia de Reis. Em uma analogia, o número um é o símbolo que representa o homem e a sua verticalidade, a sua faculdade de se manter em pé. O número **um** também pode ser considerado o ponto de partida, conforme apresentado no dicionário de símbolos:

“ é também o Princípio. Apesar de não manifestado, é dele que emana toda manifestação e é a ele que ela retorna, esgotada a sua existência efêmera; é o princípio ativo; o criador. O um é o local simbólico do ser, fonte e fim de todas as coisas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.918).

Início este trabalho com um breve mapeamento do caminho que percorri, durante a graduação, até chegar aqui. Funciona com um norteador que indica processos que evidenciam minha busca poética, mesclada aos costumes e às manifestações herdadas ao longo da vida para contribuir na construção da memória afetiva promovidas de modos materiais e imateriais.

Assim, um dos objetivos deste trabalho é estimular a minha percepção enquanto artista. Pretendo tornar este TCC um projeto expográfico viável e compreensível, aberto para dar continuidade ao meu processo de criação. Dedico este trabalho às pessoas que, de certo modo, fizeram parte do meu processo e me ensinaram com suas experiências e dores. Me despeço da graduação com um verdadeiro sentimento de partida; é o fim de uma etapa. Dentro de mim, ciclos que se encerram, histórias que se ramificam e se transformam em memórias.

2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

Mapeando os contos. Memórias. Viagens. Vestígios

Escrever sobre memória, eis o meu objeto de estudo, o meu ponto de partida, que se desdobra em outros assuntos, inquietações, paixões. Inicialmente pretendia dar visibilidade à cultura nordestina e ao artesanato, realizava trabalhos com a temática voltada para o que havia ao meu redor e parte de minhas lembranças, que são quem eu sou.

Contudo, posteriormente, percebi que essas lembranças estavam atreladas aos anseios, memórias imaginadas e histórias resgatadas ou desejadas. O cotidiano já estava presente em minhas criações ao lidar com artesanato e cultura popular. Esses, funcionaram como um fio condutor até chegar ao estudo sobre a falta de uma memória específica que se apagava por causa do Alzheimer, que há tempos se instalara em meu cotidiano, inviabilizando muitos planos, viagens e trazendo [des]encontros.

Em 2013 realizei uma série de esculturas criadas a partir do diálogo entre a cultura candanga e a nordestina. A intenção desse trabalho foi deixar em evidência a pluralidade existente em nossa cultura, tendo como referência o cotidiano de Brasília com a cultura religiosa do Nordeste, especificamente interior do Ceará, local de origem da minha família materna, que é o grande início dos excessos em mim existentes.



Fig. 1. Ex-votos. Juazeiro do Norte – CE, 2013. Arquivo pessoal | Léia Magnólia.

As esculturas foram feitas a partir do uso de exúvias (casca) das cigarras e resina. As cigarras, que são insetos que tem presença marcante em Brasília, foram escolhidas para representar a cidade e em fusão com a resina deram origem a *Ex-votos Candangos*, pequenos objetos que têm em sua essência a cultura nordestina mesclada ao cotidiano brasiliense numa representação singela de uma cultura tão marcante quanto a nossa.



Fig. 2. Ex-votos Candangos, 2013 | Léia Magnólia.

O intuito era estimular minhas próprias percepções. A partir de sensações e lembranças, fiz associações a símbolos e tradições culturais. Pensei no mandacaru que, quando floresce no sertão, é um sinal de chuva, assim como as cigarras cantarolando em Brasília são sinal do final de um longo período de seca. A verdade é que as cigarras fazem parte do cotidiano de Brasília, marcam ciclos. Seu barulho insistente e repetitivo pode ser incômodo para uns ou boa notícia para outros.

Essa dualidade, que aparece em duas culturas diversas e contrastantes, de dois estados distintos, mas com interligações aqui, evidencia-se nas esculturas em forma de pés e mãos que simbolizam dois grupos sociais unidos em tradições que em mim habitam. Agora, o número dois apresenta-se fortemente, um símbolo que pode representar além de dualismos, também “Símbolo de oposição, de conflito, de reflexão, esse número indica o equilíbrio realizado...” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.346).

O conflito e a reflexão sobre o cotidiano há tempos faziam parte do meu processo criativo que transformava-se na própria obra, não somente uma permanente e estática, mas em duradoura construção, pois funciona como uma colcha de retalhos, de fotografias, cartas e falas apagadas que surgem em minhas escritas.

O artista Tunga dizia que suas obras nunca estavam isoladas, elas sempre dialogavam umas com as outras e isso é algo que faz parte do meu processo, as referências que aparecem em minhas obras estão diretamente associadas às coisas que vivo, vejo, sinto.

“Tunga estabelece uma relação sensível entre uma pluralidade de conhecimentos, que variam da química à alquimia, das ciências da matéria às ciências dos homens (...)Nenhuma partícula fica inerte, as combinações se multiplicam. O espaço se temporaliza.” (LAGNADO, 2008, p. 346)

Quando visitei o Instituto Inhotim, a galeria dedicada a Tunga me fez flutuar em mundos de sonhos, entre instalações e objetos fantásticos repletos de simbolismos. O temporalização existente no espaço se converte em reflexões sobre a vida e o que nos cerca.



Fig. 3. Galeria Psicoativa - Inhotim | Tunga.

Gosto dos encontros com discursos desconhecidos e mundos que eu ainda não tinha visto, mas que me fazem sentido e acabam sendo agregados ao meu cotidiano e à minha poética. São como viagens, saio de casa sem saber como nem com o quê volto carregando na mala da vida.

3. QUANDO NÃO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

Eis que surge Contos

O número três remete às mudanças. É um número que pode estar associado à perfeição e representa o tempo, pois “o tempo é triplo: passado, presente, futuro.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.899). Uni meu passado ao presente e questiono o futuro. Em 2014 houve novos desdobramentos em minha pesquisa, passei a investigar mais sobre as questões da memória e sua fragilidade, foi nesse período que fiz o trabalho *Guardo Milagres Inalcançados – A virtuosa fragilidade de cada dia* que surgiu da busca por uma carta¹ que não existe mais. O ponto de partida iniciou-se com a proposta feita na disciplina Fotografia 3. Era o meu 7º semestre da licenciatura em artes plásticas, com a professora Denise Camargo, e, como resultado, produzi uma série fotográfica na qual fiz manipulação do papel

¹ Ver trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes, Gaveta Notória. disponível em : <http://bdm.unb.br/handle/10483/13630>.

² “SOLOS DE MEMÓRIA, de Uma Certa Companhia, estreou no dia 22 de agosto de 2015, no Castelinho do Flamengo, Rio de Janeiro, dentro da exposição “Gavetas de Memórias”, de Anna Bella Geiger. Os atores

vegetal a fim de conseguir a imagem com detalhes embaçados para ter a sensação de fragilidade da memória.

Foi nesse período que surgiu, de fato, a poética sobre a memória. A carta é um objeto, um desejo inalcançado. *Guardo Milagres* faz diálogo com os *Ex-votos Candangos*, pois os dois trabalhos estão associados a uma ideia de desejos. A primeira fotografia realizada para essa série foi realizada no quintal da minha casa, onde existe uma roseira plantada por minha mãe, que eu gosto de observar desde a infância:



Fig.4. Guardo Milagres Inalcançados – A virtuosa fragilidade de cada dia, 2014 | Léia Magnólia.

No mesmo ano, conheci o trabalho da fotógrafa Vilma Slomp, mais especificamente a série *Dor*, realizada em 1989, que lida com temas como a morte, a dor e a fragilidade da vida, ilusões criadas com a fotografia, resultando em um lindo trabalho poético. Após ter o contato com o trabalho dessa artista, senti-me mais confortável para continuar com a minha pesquisa e com os novos trabalhos que estariam permeando o mundo de artifícios, afeto e criatividade como resultados dos sentimentos e acontecimentos que cotidianamente me acompanhavam.



Fig. 5. Frustari, Série: Dor. 1989 | Vilma Slomp.



Fig. 6. Guardo Milagres Inalcançados – A virtuosa fragilidade de cada dia, 2014 | Léia Magnólia.

Os objetos que guardo e crio são analogias aos ex-votos tradicionais que são utilizados para agradecer uma graça alcançada. O que tenho são memórias em formas de objetos e imagens afetivas, utilizo variadas referências para compor minha poética.

O trabalho do fotógrafo Daniel Malva tornou-se referência, pois dialogava com o que eu estava trabalhando. A sutileza existente em suas fotografias faz conexões com minhas imagens fotográficas, não só pela questão visual como pela ideia de colecionismo existente em seu trabalho *Gabinete de Curiosidades*, coleções surgidas de referências prévias, das experiências pessoais que tornaram-se obras visuais.

O fotógrafo paulista Daniel Malva acaba de estrear a sua primeira individual internacional na galeria londrina Kristin Hjellegjerde. Nomeada *Gabinete de Curiosidades*, a exposição reúne 26 obras de séries inspiradas na natureza e em museus de história natural visitados pelo fotógrafo em pequenas cidades de São Paulo.

Boa parte de sua inspiração vem da sua experiência como biólogo. Malva trabalhou durante quatro anos no Projeto Genoma e sintetizou esse passado na coleção de imagens que mistura taxidermia, esqueletos, órgão vitais, animas e humanos, interior e exterior. "Biologicamente somos todos a mesma coisa, o mesmo material, a mesma carne mortal", diz ele.

Kristin, curadora da mostra, conta que viu o trabalho de Daniel pela primeira vez por e-mail, quando um colecionador contou, entusiasmado, que tinha encontrado um grande talento brasileiro. "Me apaixonei imediatamente pela história, beleza e intensidade de suas imagens", disse à *Bamboo*. "Geralmente, trabalho com exposições em grupo quando se trata de apresentar o trabalho de um artista jovem. Mas senti que a série *História Natural* deveria ter vida própria. Há uma porção de alma nas fotografias de Daniel muito o que aprender, sentir e experimentar."

Quando
30.05 - 28.06.2014



Fig. 7. Gabinete de Curiosidades, 2014 | Daniel Malva.

A memória, aqui, é afetiva, sentida, incompreendida, estudada, buscada. Resgato em fotografias e coleções de objetos, traços do que fui e do que sou, vinculada à cultura familiar, às raízes que se ramificam. Passei a praticar exercícios propostos como o de fotografar direto por um minuto. Eram detalhes do tempo, salas de espera (tenho uma coleção de autorretratos camuflados), fotografias de locais e momentos distintos que se unem e tornam-se uma outra imagem, um outro processo. Desenho, faço rabiscos e escrevo.

Fotografo muito, tenho um amontoado de imagens fotográficas que flutuam em *drives* e nuvens cibernéticas, muitas dessas eu gosto de imprimir e reutilizar em colagens e sobreposições, novas imagens são construídas e as uso como anotações e lembretes. A partir da leitura do texto de Ítalo Calvino “A aventura de um fotógrafo”, associei o excesso presente em mim ao de seu personagem Antonino Paraggi, pois havia uma relação de paixão pela fotografia, “uma atividade para ele tão pouco excitante e desprovida de imprevistos”, e que passou a ser o seu maior desejo. Eu, que já fazia uso constante da fotografia, passei a fotografar o cotidiano com mais frequência. O excesso permanece nas atividades desenvolvidas por mim.

“Será que não estava procurando fotografar lembranças, ou até vagos ecos de lembrança que afluíam futura, à maneira dos fotógrafos de domingo, não o estava levando a tentar uma operação igualmente irreal, ou seja, a dar um corpo à lembrança para que esta substituísse o presente diante de seus olhos?” (CALVINO, 1992. p. 51-64).

Componho novas imagens fotográficas e escrituras automáticas para catalogar, marcar, narrar o que se vai, como se a fotografia tivesse o poder de segurar tudo o que escapa (CALVINO, 1992). Os instantes já se foram, ausências que persistiam a agir dentro de mim. As memórias são assim, elas também se esvaem.

Me deparo com novas – velhas – lembranças sobre mim. “A memória é uma ilha de edição”, em *Solos de Memória*² uma performance teatral apresentada na Caixa Cultural em 2016. Essa frase ecoava pela galeria repleta de gavetas de Anna Bella Geiger – *Gavetas de Memórias* – e em minha cabeça surgiam *flashes* de toda uma trajetória que parecia estar sendo contada dentro daquela galeria, pensamentos que acompanhavam desordenadamente todos os sentimentos que me habitavam com lembranças incertas e a minha *Gaveta Notória* – obra feita em 2015, resultado do TCC da licenciatura em artes plásticas.

² “SOLOS DE MEMÓRIA, de Uma Certa Companhia, estreou no dia 22 de agosto de 2015, no Castelinho do Flamengo, Rio de Janeiro, dentro da exposição “Gavetas de Memórias”, de Anna Bella Geiger. Os atores apresentam, no espaço da exposição, textos autorais inspirados em suas próprias memórias e nas de Anna Bella, em uma investigação sobre os limites entre a ficção e a realidade.” Disponível em livro (catálogo) da performance.



Fig. 8. Gaveta Notória, 2015 | Léia Magnólia.



Fig. 9. Gaveta Notória. Instalação Fotográfica, 2015. | Léia Magnólia.

Trabalhos distintos que se conectam, se ramificam como as raízes que me tornam quem sou, referências que surgem da vida que passa. Em fevereiro (11/02/2017) passei a colecionar caixas de remédios com a intenção de fazer uma grande instalação com todas as caixas que colecionaria a partir de então, ao longo do ano. Tudo começou quando olhei o cupom fiscal, fiquei impressionada com o valor total de uma compra – que não era a principal daquele mês – feita em uma farmácia e, na nota, o vestígio do gasto realizado cotidianamente.

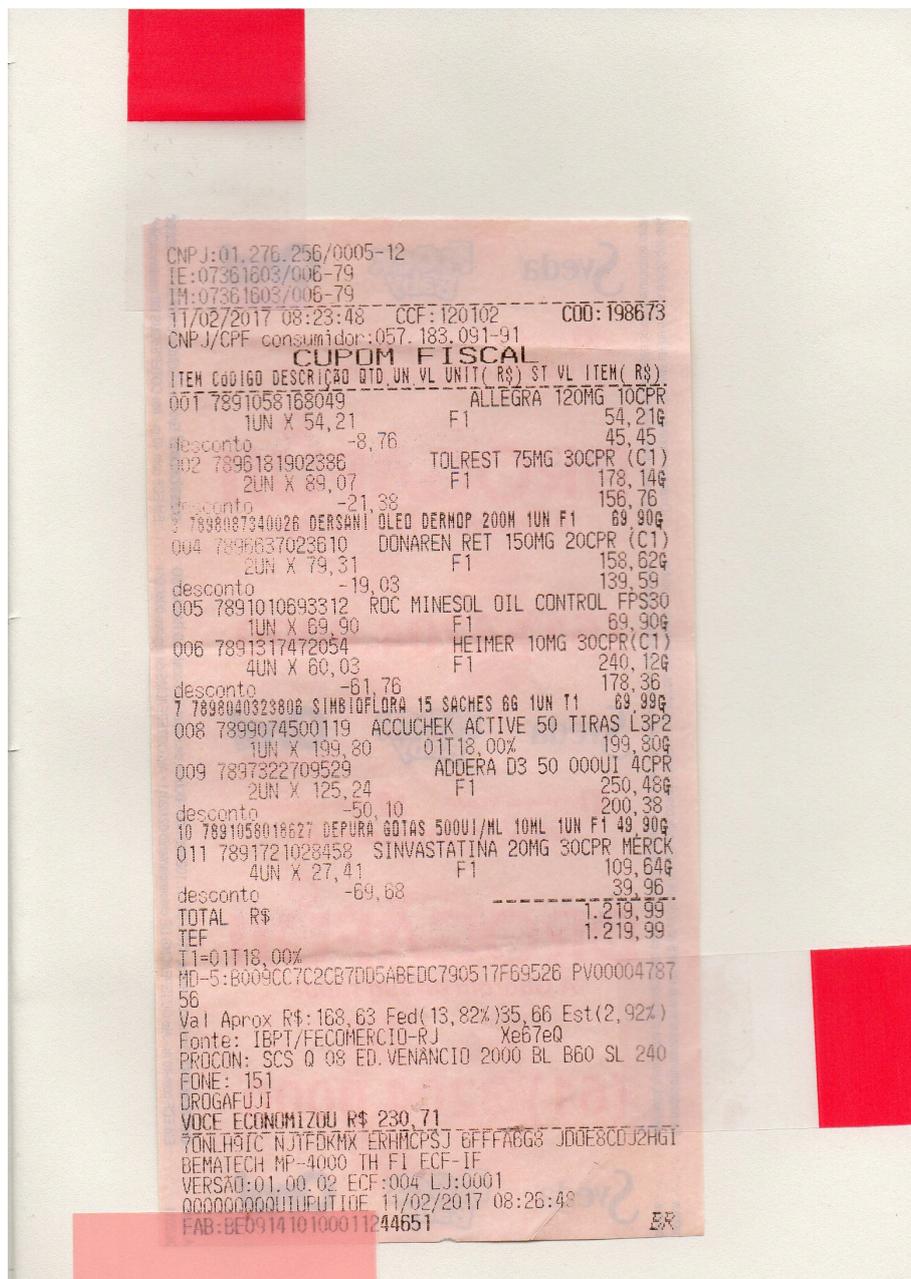


Fig. 10. Cópia de cupom fiscal. Colagem em caderno, 2017 | Léia Magnólia. – Arquivo pessoal.

É daí que surgem os *Ex-Contos*, trabalho que faz parte de um longo processo pessoal que transformou-se em busca poética. E assim, a fotografia faz parte fundamental do meu estudo sobre a memória. Como é próprio da fotografia ser associada à memória, faço uso dela para minhas “anotações”. *Ex-contos* porque não são graças alcançadas, são histórias entrelaçadas ou não, são objetos, contos, memórias, sonhos.

A própria fotografia torna-se anotação visual que utilizo constantemente em meus dispositivos eletrônicos e em minhas redes sociais onde posso arquivar e acessá-las facilmente. Aqui encontra-se uma outra ponta da poética e busca pessoal, a pesquisa de iniciação científica que realizei, de 2015 a 2017, sobre memórias em redes sociais.

Muitas questões surgiram a partir do momento em que comecei a colecionar as caixas, associei-as aos milagres que se a[guarda] em caixa de remédios: as viagens não realizadas, a esperança por uma cura, promessas de qualidade de vida, o paliativo instaurado em nós, sem nem mesmo percebermos.

Fiz uma *assemblage* a partir das coleções que faço. Usei pela primeira vez uma das caixas de remédio. Além das caixas de remédios, coleciono suas bulas³, e durante o processo de manipulação destas, percebi que estão com um padrão específico. Independente do remédio, elas possuem os mesmos itens descritos na mesma ordem, ou seja, em cada bula existente há uma repetição, que utilizo evidenciando o meu próprio repertório, que insistentemente se repete no cotidiano.

A obra *Ex-contos* surgiu de um processo iniciado em sala de aula, o início de um trabalho que se propõe a colecionar o que a vida proporciona. O processo de criação dessa *assemblage* foi realizado por etapas e uma delas foi uma escritura automática que fazia parte da apresentação da obra:

³ Bulas são folhetos com informações verdadeira e obrigatórias do medicamento, no entanto a bula pode ser encontrada na versão de um documento oficial da Igreja Católica. Diretamente ligado aos temas associado à fé e graças. Disponível em: (<https://pt.aleteia.org/2015/04/14/o-que-e-uma-bula/>)

(...) A gente perde e ganha todos os dias...
 Histórias que se ramificam. Intimidade. Nada fica.
 Relicário. 06/05/17
 Objetos que servem para estruturar os contos de outrem . O ponto de partida desta
 assemblage se deu a partir de histórias que se encontram
 Fora do seu local comum (origem). Mas o que importa não é o espaço que surgiu e
 sim o encontro que se fez presente na mesma data e local de contação e
 compartilhamento. As passagens . Pessoas distintas. Falas parecidas (ou não) .
 Este é mais um texto automático. Há dias eu não escrevia apesar das repetidas
 vezes ler e ouvir “preciso destas palavras escritas”
 Foi em outro ano. Outra sala. Outra disciplina.
 Transições cíclicas. Algumas saudades ainda ficam, assim como as histórias que
 surgem e desmancham. Essa frase insiste em vir à mente. E eu sei que preciso
 destas palavras escritas.
 Essas histórias. Esses dias que se passaram, mas que ainda estão, em mim,
 instalados. Fincados. Marcados. Costurados.
 Chamam por outros nomes e lembram as mesmas coisas. Nada é igual. Tudo
 depende do contexto. Ponto de vista. Experiência.
 Vejo textos nesse texto, se sublinho e procuro bem sei que sai mais coisas do que
 vivo (há tempos). O tempo parece até incontável.
 Conto os contos dentro dos anos, parece que pouco mudou. Vasculho fotos e vejo
 quanto tempo, de fato, passou.
 Se arrastou. Se avançou. Não esperou, nunca espera.
 15:15. Ouço apenas o som do respiro. Respirador. UTI
 Cara pálida. Essas horas marcadas continuam assim. Acompanhando o meu ritmo
 elétrico.

Fig. 11. Escrita automática, 2017 Léia Magnólia. Transcrição.



Fig. 12. Ex-contos, 2017 | Assemblage | Léia Magnólia.

Certo dia, sonhei com a montagem dos meus trabalhos (sonho muito e isso às vezes se torna um problema pois o meu cérebro não desacelera e fico cansada como se eu não dormisse o suficiente) e nesse sonho eu sentia que era preciso recriar a obra *Gaveta Notória* replicando a gaveta com determinada textura presente em uma foto de uma sala de espera (uma série em andamento) para encobrir a textura de madeira (essa gaveta, sim, poderá ser tocada pelos visitantes). Também visualizava a instalação de vários *back lights* com a série *Guardo milagres inalcançados*, dispostos em forma de um diagrama/mapa que indica o caminho por mim percorrido. Finalmente, após a replicação, a *Gaveta notória* original encontrava-se exposta, protegida. Estava isolada com precaução de contato, apenas pela precaução, pois o tempo, em seu curso natural, se encarrega de trazer o fim da matéria.

O tempo encerrará tudo e todos. A última caixa de remédios prescrito para minha mãe estava em um tipo de contemplação, e a série fotográfica impressa nos comprimidos, evidenciando a sutileza do que me escapa. Tudo é precívél inclusive o meu trabalho que, em algum momento, também, terá o seu fim e seu esquecimento.

4. O QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

"minha mãe menininha..."

Eu não sei mais quando algumas coisas deixaram de ser. Quando estamos vivendo e não temos controle do processo todo, perde-se mais do que podemos acompanhar. Não sei quando eu “deixei de ser filha” e passei a ser uma das cuidadoras da minha mãe, inverteram-se os papéis. Ela é do dia três e eu do dia quatro a nossa soma é sete. O quatro pode significar a solidez e a sensibilidade é o símbolo da totalidade.(CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 758- 762).

Algumas fotografias registraram parte dessa história. O Alzheimer deixou de ser uma doença, ou pelo menos a prioridade, tornou-se uma condição, e isso foi ainda mais difícil de ser estabelecido como entendimento. Uma ruptura em nossas vidas, em nossos dias e na organização que até então seguia cotidianamente.

Foram quinze anos até chegar neste momento crucial. E foi em 15 de abril de 2017 que o trecho de um canto católico vinha à tona na memória

repetidas vezes “Por que esta noite é diferente de todas as outras noites?”. Essa pergunta nunca fez tanto sentido.



Fig. 13. Sem título. 2016 | Léia Magnólia. – Arquivo pessoal.

Quando voltei do hospital para casa senti o pior vazio que poderia existir. Um vão que existia casa a dentro, a poltrona vazia posicionada para o corredor principal da casa, um silêncio que me sugava pelo vão existente a partir daquela poltrona que pertencia a ela. Os objetos estabelecem uma relação muito forte com a memória que temos de pessoas e situações. Objetos se apropriam da essência de quem os pertencia:

“A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer da forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente”. STALLYBRASS (2008. p.14).

Assim como acontece com as roupas, aquela poltrona era seu local de permanência, de existência e encontros de olhares, das despedidas cotidianas. O local combinado com aquela poltrona, de repente, criou o poder de absorver presença de uma ausência já instalada. O cheiro que ficava, as cores dos objetos e tecidos que acompanhavam e compunham aquele local tornaram-se um imenso vão que me deslocava para um sentimento desconhecido. Roupas, objetos, imagens, escritos, lembranças são modos distintos de nos reconectarmos com nossas memórias.

Na rede social Facebook há uma ferramenta que nos conecta com lembranças de anos anteriores. Durante esse processo, eu me reconectei

com as mais variadas formas, pois estava no período de escrita do meu artigo da iniciação científica e, de um modo muito singular, me reconectava com os ciclos que há tempos vivia. Pode até não ser com a mesma intensidade que a visibilidade proporciona, evidenciando o que há, mas sente, insistentemente presente, o vazio, a impotência, ausência, a solidão.

30/04/2017

Ontem vi isso nas "lembranças do Facebook ". Fiquei pensando sobre[viver] às perdas e ganhos cotidianos. Foi um mês de abril extremamente difícil. E nas duas últimas semanas, especificamente, vivo num verdadeiro turbilhão de sentimentos inexplicável e incompreensível... A gente perde e ganha todos os dias, a espera é o que resta. Nos adaptamos às situações.

Nada fácil.

Acabei de ganhar um sorriso e um olhar marejado, foi um singelo gesto de reconhecimento. Alívio. Afeto. Amor. ~força~

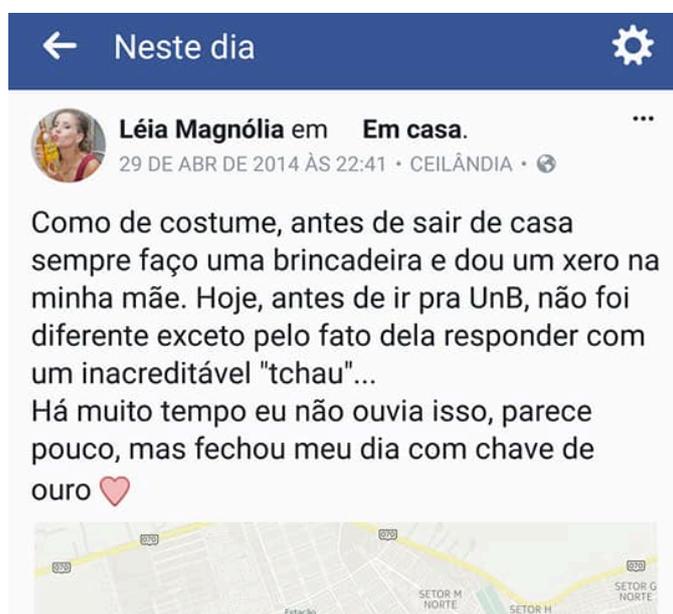


Fig. 14. Escrita automática e captura de tela com lembrança, 2017 Léia Magnólia. Transcrição.

Lembro da infância. Minha mãe cantarolava pela casa "...minha mãe, menininha", ela se tornou a nossa "menininha", e no período que estive na UTI ela sorria ao me ver chegar todos os dias de manhã. E no seu mais íntimo silêncio, ela cativou e surpreendeu muitas pessoas, aquela jovem senhora.

Sim, era uma senhora, porém jovem por tamanha interrupção precoce de sua própria vida. Do seu próprio eu que foi se perdendo. Pouco a pouco, dia a dia. E, ainda assim, ela, naquele instante, menininha, cativou pessoas que não a conheciam nem em seu antes ou depois.

“... calou-se para sempre. E ela passou a viver em absoluto silêncio. Absoluto silêncio. Nunca saberemos se ela compreendia o que falávamos, nunca respondia.

Simplesmente olhava. E aos poucos seu olhar foi se perdendo no vazio. No nada... tornou-se alheia a tudo. Alheamento, esta é sua condição de vida. Um alheamento cada vez maior, parece nada ver, nada sentir...”. Transcrição de trecho do curta metragem *Clarita*

Naquele “agora” no seu momento de dor e silêncio que se agrava, ela permanecia com seu olhar sereno, transbordava em sede de viver. Era o que ainda restava do pouco que dela ficou. Passei a assistir mais vividamente a chegada do seu fim.



Fig. 15. Frame do Filme – Clarita, 2007.

É confuso e difícil pensar nos vestígios de alguém que já não mais habitava aquele corpo e que, ao mesmo tempo permanecia. O Alzheimer é muito cruel em todas as suas dimensões. O filme *Clarita* – curta metragem de Thereza Jessourun, 2007 – descreve de maneira muito singela e sentida o processo, de quinze anos, lento e cruel, do Alzheimer da mãe da diretora. Me identifiquei com esse filme desde o primeiro contato, anos atrás, e agora revendo-o sinto como se ela descrevesse parte da história que acompanhei do processo da minha mãe.

Há tempos eu fotografava detalhes da minha mãe, suas mãos principalmente. Evitava fazer retratos com seu rosto a mostra, que há muito vinha cansado e acompanhado de um olhar perdido (como se a sua identidade estivesse apagada), sintomas do Alzheimer. *Apagamento*, é uma fotografia que apresentei em um trabalho realizado na disciplina I.P.I (Intervenção, Performance, Instalação) no 1º semestre de 2017. Foi feita no hospital, quando havia precaução de contato – que iniciou no dia 7 de maio – e, por isso, era necessário o uso de luvas. A foto em questão passou a ser um dos meus fascínios, pois foi possível voltar a pensar nos detalhes e no significado das sutilezas existentes em algumas fotografias que eu fazia.

Pensei sobre o poder do toque, o acalento que para ela trazia segurança, amor, carinho, afeto. E a quebra cruel, para mim, por não poder sentir o toque diretamente foi um novo momento de sentidos. Havia um distanciamento no sentir, que paradoxalmente era proporcionado pelo uso da luva de látex. Tocar diretamente era proibido.

A precaução de contato apareceu e eu iniciei uma nova etapa: estudo e pesquisa sobre o número sete e o que o cerca, fazendo um desdobramento para dar sentido aos acontecimentos que aparecem em meus dias, os quais estão ligados pelos números, unidos pelas histórias e suas origens, ramificações e significados.



Fig. 16. Apagamento, 2017 | Léia Magnólia.

7. O QUE DEVO FAZER QUANDO EU ME ESQUECER DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

Capítulo Sete

Este capítulo é dedicado ao estudo do número que deu origem ao interesse despertado pelo significado de números, para além de contagens. Com o sete, iniciei uma pesquisa para dar sentido às coincidências que foram percebidas e utilizadas enquanto ideias formadoras e complementares de artifícios nas obras e nas pesquisas por mim realizadas. Tornaram-se partes fundamentais no processo de criação, pois os números “exprimem não apenas quantidades, mas ideias e forças” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.446). A ideia é encontrar nos significados dos números, o que faz sentido e dialogue com os acontecimentos, ideias, lembranças, sonhos, objetos. Neste trabalho evidencio os símbolos e seus significados que dialogam diretamente com as catalogações que realizei ao longo do processo de execução.

No início do primeiro semestre de 2017, nas aulas de *IPI – Intervenção | Performance | Instalação*, o professor da disciplina, Gê, abria o caderno dele e algumas vezes apareciam suas anotações sobre meu mapa de referências de *Ateliê II*, feito em 2015. Ele me lembrava do trecho anotado em seu caderno e citava “eu preciso destas palavras escritas” – um detalhe do estandarte de Arthur Bispo do Rosário – que fazia parte importante do meu mapa. Observei a data anotada em seu caderno e era: 16/04. Pensei $1+6=7$. Fiquei refletindo sobre o número sete, que há tempos me visitava em meus devaneios. Tantas palavras, coincidências e tudo o que acontecia ao meu redor me inquietou muito e eu pensava nas palavras que não conseguia escrever, nos ciclos repetitivos que [re]apareciam.

Desde então, os números tornaram-se importantes para o meu processo de criação, e ao pesquisar no dicionário de símbolos, foi possível relacioná-los ainda melhor com o que eu vinha catalogando. O significado mais comum do sete é a perfeição, que eu já mencionava em textos e falas cotidianas, no entanto descobri que esse número possui um leque de simbolismos que o acompanham, resultantes de culturas distintas.

O número sete, nesta etapa, passa a ter uma grande importância de construção e associação que foi percebida aos poucos. Não precisa estar explícito, pois faz parte de um processo íntimo como uma linha tênue que

constrói todo um repertório que está em aberto. O número sete é a base inicial, fundamental para compor a parte simbólica do trabalho teórico e prático, pois:

“corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, aos sete graus da perfeição, às sete esferas ou graus celestes, às sete pétalas da rosa (...) Simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica.

(...) O sete indica o sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e uma renovação positiva.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.826).

Ou seja, é um recorte do vasto mundo de significados que faz sentido para o trabalho atual.

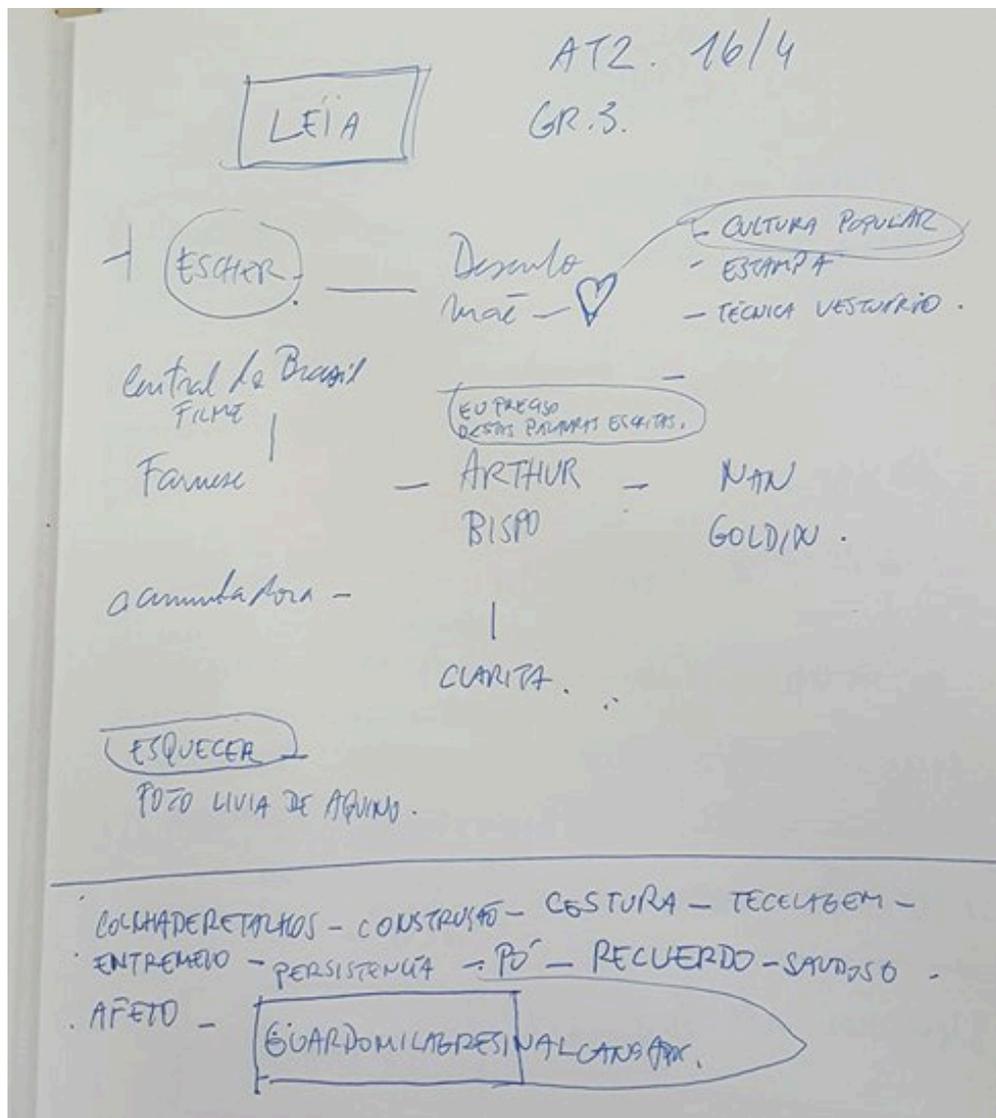


Fig. 17. Anotações de Gê Orthof – Mapa da Léia em Ateliê II. Arquivo pessoal, 2017.

Minha mãe morreu no dia 07/08/2017 às 21:45 no quarto 16 ($1+6=7$) na enfermaria Térreo B, no mesmo horário que a dona C. (a senhora que também tinha Alzheimer e Parkinson e que fiz amizade com o seu marido, Seu Jorge, no hospital). Dona C. que deixou todos do “Térreo B” surpresos, inclusive os médicos, faleceu cinco dias antes da minha mãe, no dia dois, para ser exata ($2+5=7$), e eu fiquei com a história na cabeça pois elas morreram na mesma hora, e eu disse que elas tornaram-se amigas de alguma forma. Eis o número sete reaparecendo à minha volta, “ele simboliza a totalidade do espaço e a totalidade do tempo.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.826).

Após a morte de minha mãe, ao organizar várias papeladas que estavam paradas, achei uma anotação do dia 7 de maio de 2017. Foi o dia em que um pássaro entrou em minha casa enquanto eu fazia o trabalho da disciplina do Gê, uma assemblage com objetos afetivos que dei o nome de *Ex-contos* pensando em coleções, relicários, ex-votos, milagres inalcançados (onde surgiu minha busca poética). Eu dei um grito falando para o pássaro sair, porque reza a lenda que pássaro dentro de casa significa morte vindo. Era o presságio. Anotei-o na explicação do trabalho, que já estava repleto de simbolismos e que eu já iniciava a busca por seus significados. Comecei a resgatar tudo o que vinha guardando.

No dia 25 de maio ($2+5=7$) foi o dia que fui internada no quarto 25 e fiquei 7 dias presa no hospital. Fiquei com 7 latinhas que nos dão nas internações, com produtos de higiene, as latinhas são “porta-trecos” ou cofrinhos. Guardei na intenção de utilizá-las em algum tipo instalação ou objetos.

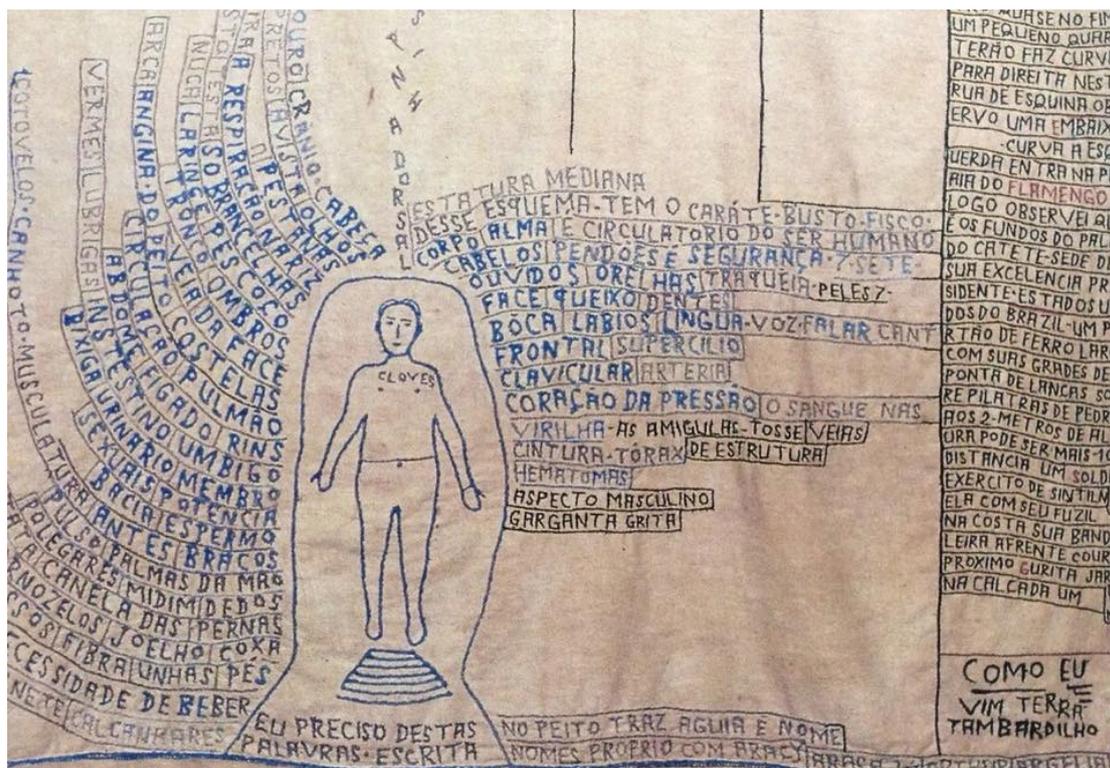


Fig. 18. Detalhe do estandarte| Arthur Bispo do Rosário.

A frase de Bispo do Rosário reaparecia em meus dias, assim como o chamado dos **sete** anjos apareceu para ele antes de entrar no hospício e começar a criar suas assemblages. Bispo criava assemblages com objetos de que se apropriava, Hidalgo (2011, p.23) lembra que ele chamava as obras de *vitruines*, “nestas, há uma variedade de materiais institucionais reaproveitados” o que fazia muito sentido, pois a sua intenção era mostrar o “fichário do mundo” criado por ele para Deus.

Assim como as vitruines de Arthur Bispo do Rosário possuem características de colecionismo e catalogação representadas juntamente com “palavras escritas, bordadas, pintadas”, minhas obras possuem rabiscos e escrituras desenhadas, coladas, imaginadas. Guardo palavras e trechos de livros ou revistas, que seriam descartadas.

Recortes de bulas de remédios, que coleciono, são guardados por categorias em latas e caixas, que fazem parte das coleções que acumulo ao longo da vida, reorganizadas em forma de textos e fragmentos que fazem sentido enquanto crio, rabisco.

Achei um álbum de bebê com escritas feitas por minha mãe. Nele, ela descrevia parte da minha personalidade que fora observada. Ela me descreveu e, no reencontro com aquelas palavras, me reconheci.

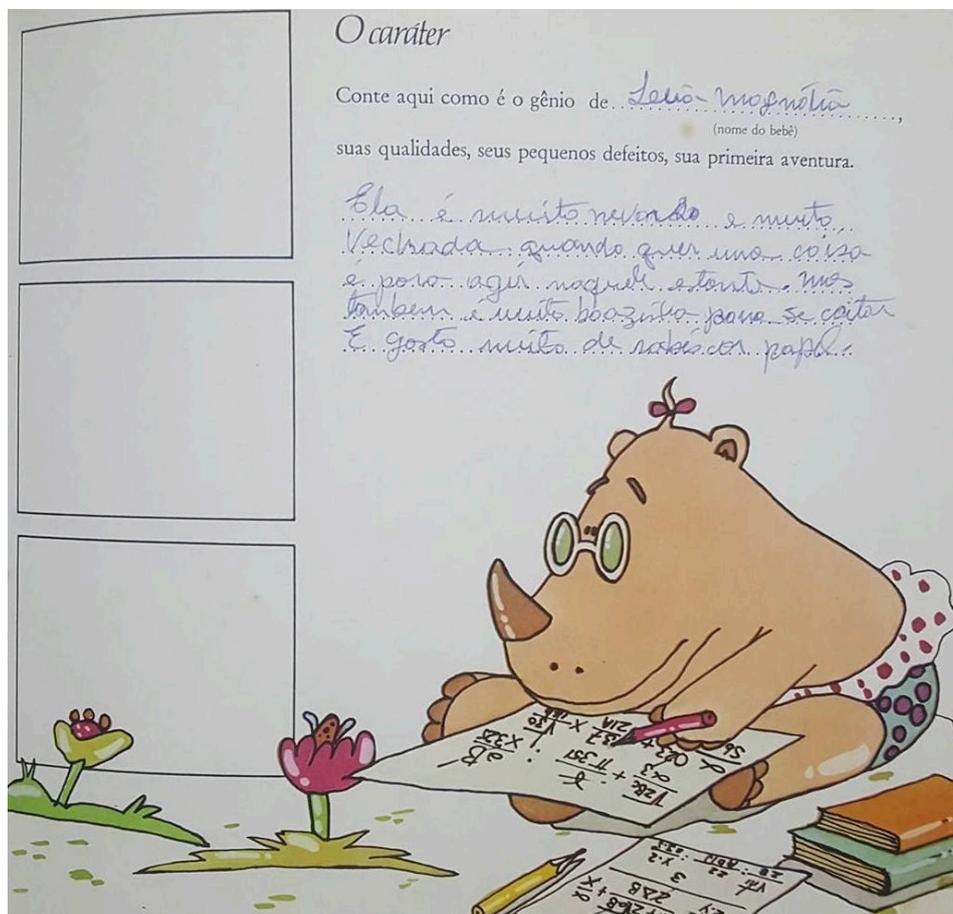


Fig. 19. Detalhes do álbum com escritas de Noélia. Arquivo pessoal.

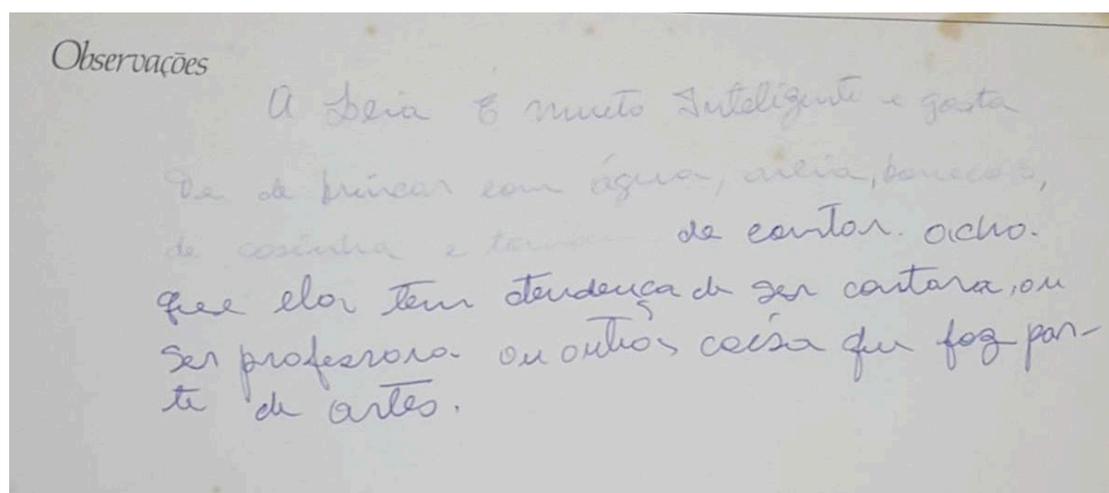


Fig. 20. Detalhes do álbum com escritas de Noélia. Arquivo pessoal⁴.

⁴ "A Léia é muito inteligente e gosta de brincar com água, areia, bonecas, de casinha e também de cantar acho que ela tem tendência de ser cantora ou ser professora ou outras coisa que faz parte de artes." Transcrição da escrita feita por minha mãe.

Vi também que o meu registro de nascimento foi feito num dia sete. Lembrei-me de quando estávamos nos preparativos da minha festa de quinze anos, eu queria a festa ao ar livre e não dentro do ginásio do clube, minha mãe falava que ia chover (pois sempre chovia no meu aniversário) e eu dizia: "Não vai chover porque a festa é dia sete. E sete é o número da perfeição!".

De fato, não choveu naquele sábado dia 7/10/2000, mas festa não foi no jardim. Nesse ano (2017), o dia 7 de outubro também caiu em um sábado, o que completa mais um ciclo de sete dias.

Mais uma vez me veio o número sete à cabeça: ela era do dia três e eu quatro de outubro. A soma é sete, o mesmo dia em que realizaram o meu registro de nascimento. Associei o número três, que simboliza o céu, e ao quatro, que simboliza a Terra (com seus quatro pontos cardeais), o sete representa a totalidade do ciclo do universo, que se resulta em perfeição.

Fiz um texto sobre despedida e início de um novo ciclo. Eis um novo momento e uma nova ausência, não há mais do que se escapar; ela se foi. Desmanchou. Apagou. Apagamento, que murchou como as flores que já mencionei antes. Ausência não tem fim nem limites o primeiro texto automático que caminha com reencontros entre mim mesma com as memórias escritas por/de minha mãe.



Magnólia é uma flor que eu, ainda, não tive oportunidade de conhecer pessoalmente. Magnólia é o meu segundo nome, e eu ficava irritada porque minha mãe tinha escolhido esse nome gigante e "feio" para mim. "Não sei porque você não deixou só o primeiro nome. Léia era suficiente!!!". E ela sempre dizia que meu nome era lindo, que era o nome de uma flor. E confesso que quando vi a imagem de uma Magnólia pela primeira vez me encantei.

~Somos da primavera~ Era para eu ter nascido no dia do aniversário dela, mas disseram que não estava na hora. Ela sofreu até o dia seguinte, e eu sofri junto. Ela quase me perdeu, e sempre me contava essa história muito emocionada. Eu gostava de dizer que, na verdade, eu era um presente de aniversário (tadinha) Sempre fui apaixonada por flores, devo ter herdado isso dela, que escolhia as coisas floridas e tinha uma mão boa para cultivar suas flores no quintal da casa. O tempo passou, e a minha primeira tatuagem foram Magnólias com uma sutil letra "L" no meio. Depois, várias outras flores e rosas surgiram desenhadas pelo corpo... Na segunda-feira (07/08/2017), começou o semestre. Cheguei na UnB e peguei uma florzinha (essa da foto que eu não sei o nome) para desenhar quando chegasse em casa. Não fui pra casa, eu corri pro hospital ~as flores murcharam~

Hoje me despedi da minha mãe, deixei algumas rosas que colhi no quintal (da roseira que foi plantada por ela) em suas mãos, acreditando que ela está em um lugar melhor, onde não há mais dor, nem sofrimento. E hoje terminei o dia fazendo algo que amo, fui para a aula de fotografia pensando nas cores, nas lembranças, no que ficou guardado, registrado e na memória...

Fig 21 e 22 . Sem título e Escrita automática, 2017, Léia Magnólia. Transcrição.



Fig. 23. Detalhe do objeto feito em 7 de setembro de 2017. Léia Magnólia.

O pires com o desenho de uma rosa em detalhe, pertencia à minha mãe. Ganhou um pequeno quebrado, desgaste feito pelo tempo, e por estar lascado foi descartado (guardei-o). Uni a flor mencionada no texto da página anterior, usei resina para compor um objeto afetivo que fiz no dia sete de setembro, um mês depois de seu falecimento. Ela morreu no dia sete, exatamente um mês depois de ter iniciado o paliativo, que entrou efetivamente em nossas vidas no dia sete de julho de 2017.

O trabalho é simbólico em todos os sentidos, feito a partir da junção de coleções que eu já fazia, de datas que passei a colecionar e de etapas que se desdobram como os ciclos que se encerram para se reconfigurarem naturalmente entrando em sentido no fluxo da vida.

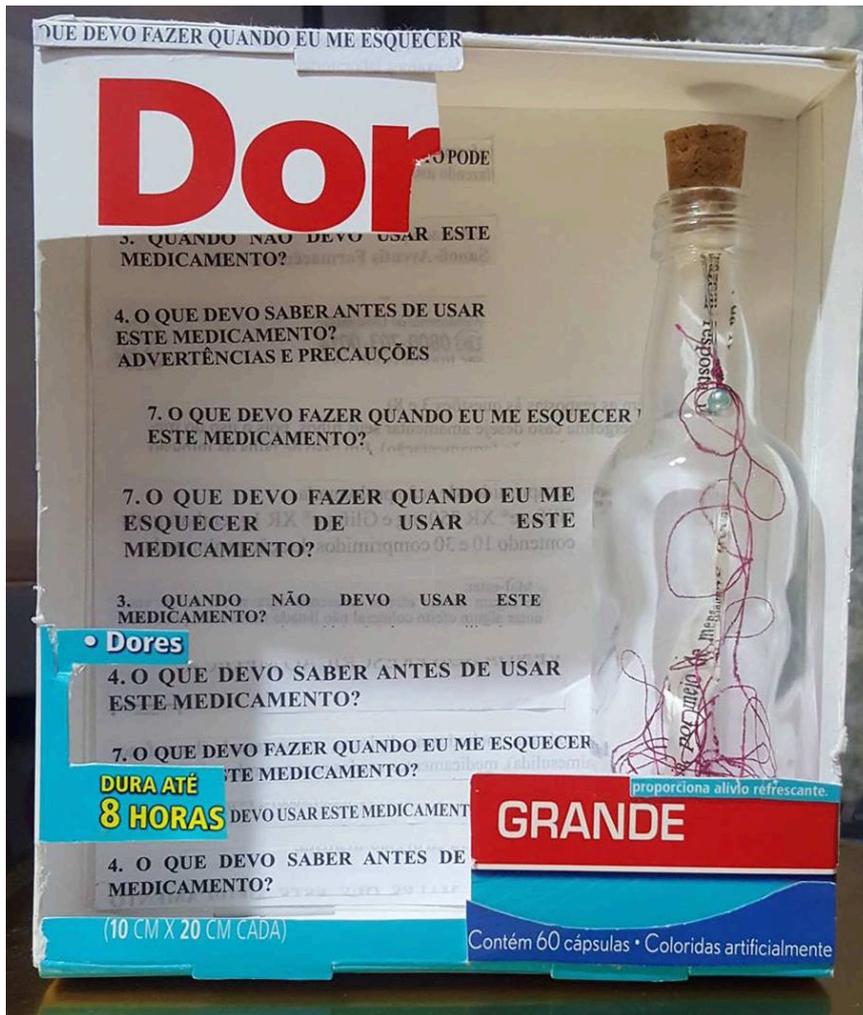


Fig. 24. Assemblage – Caixa de remédio, recorte de bula (itens 3,4 e 7), objetos | Léia Magnólia, 2017.



Fig. 25. Processos. Arquivo pessoal, 2017.

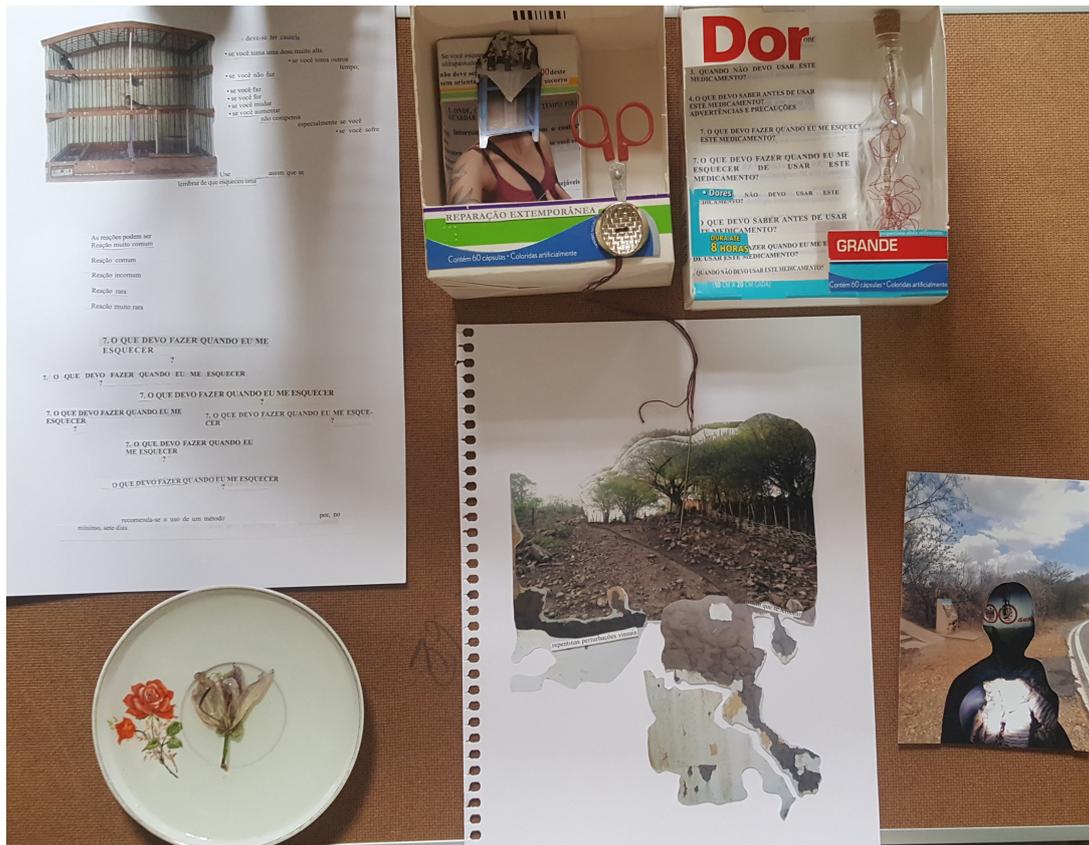


Fig. 26. Processos. Arquivo pessoal, 2017.



Fig. 27. Processos – parte da coleção de caixas de remédios. Arquivo pessoal, 2017.

Objeto realizado e exposto na diplomação, 2º/2017, contendo espelho, pires com flor e resina, itens (3, 4 e 7) colecionados das bulas de remédios, revestidos em acrílico transparente e azul:



Fig. 28. Processos – Ex-Contos. Arquivo pessoal, 2017.

Azul. “O azul é a mais profunda das cores: nele, o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito, como diante de uma perpétua fuga da cor. O azul é a mais imaterial das cores: a natureza o apresenta geralmente feito de transparência, i. e., de vazio acumulado (...) Imaterial em si mesmo, o azul desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.107)

Azul. “O azul está ligado à eternidade, ao além, à beleza sobrenatural, à transcendência religiosa, ao espiritual e ao mental em contraste com o emocional e o físico e com o desprendimento do terreno(...) É a cor dos hematomas, da melancolia, do isolamento, dos <<blues>> [tristeza]” (ARAS, 2012, p. 650-652).

Espelho. “Speculum (espelho) deu o nome à **especulação**: originalmente, especular era observar o céu e os movimentos relativos das estrelas, com o auxílio de um espelho (...) O espelho é com efeito, símbolo da sabedoria e do conhecimento...” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.393-394)

Espelho. “A palavra inglesa <<mirror>> [espelho] vem do latim *mirari*, admirar-se ou maravilhar-se. A natureza extraordinária do espelho é a

maneira como ele leva a nossa imaginação para as suas aparentes profundezas, para a sensação de que por trás da imagem do espelho da nossa realidade imediata se poderá ver algo inteiramente diferente.(ARAS, 2012, p. 590).

Flor. “As flores são a marca da primavera. Não há no mundo melhor sinal de renovação, despertar e renascimento. (ARAS, 2012, p. 150).

Resina. “... a resina é símbolo de pureza e de imortalidade.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p.778).



Fig. 29. Processos detalhe do objeto – Ex-Contos. Arquivo pessoal, 2017.

DIZERES LEGAIS

Considerações Finais

Este trabalho de conclusão de Bacharelado em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília é realizado com coleções e memórias. Apresenta, de modo poético, resultados do meu processo criativo, das minhas pesquisas e dos meus devaneios aos quais darei continuidade após a conclusão desta etapa.

Farmacêuticos responsáveis.: Léia Magnólia e Gê Orthof

Esta bula foi atualizada conforme Bula Padrão aprovada em 2º/2017.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Portugal: Edições 70, 1980.
- BELTING, Hans. (2002). **Antropologia da Imagem**. Trad. Sob a direção de Artur Morão. Rio de Janeiro: Imago, 2014.
- CALVINO, Ítalo. A Aventura de um Fotógrafo. In: CALVINO, Ítalo. **Os Amores Díficeis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 51-64.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 29ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas. SP: Papyrus, 2012.
- FONTCUBERTA, Joan. **A Câmera de Pandora**. São Paulo: G.Gili, 2010.
- FLORES, Laura González. **Fotografia e pintura: Dois meios diferentes?**. Tradução de Danilo VilelaBandeira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosario : o senhor do labirinto**. 2. ed [rev. e ampliada]. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- INHOTIM | Curadoria Allan Schwartzman, Jochen Volz, Rodrigo Moura; organização editorial Adriano Pedrosa, Rodrigo Moura; versão para o português Izabel Murat Burbrige. - - Brumadinho, MG: Instituto Cultural Inhotim, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.
- MALVA, Daniel : <http://kristinhjellegerde.com/artists/36-daniel-malva/press/> ; Acesso em : 27 Ago. 2017.
- O que é uma Bula? <https://pt.aleteia.org/2015/04/14/o-que-e-uma-bula/>; Acesso em: 13 de outubro de 2017.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupa, memória, dor**. Trad. Tomaz Tadeu. 3 ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008.
- SLOMP, VILMA, **DOR**: Disponível em: <http://www.vilmaslomp.com.br/>; Acesso em: 4 Nov. 2017.
- THE ARCHIVE FOR RESEARCH IN ARCHETYPAL SYMBOLISM. **O livro dos Símbolos: Reflexões sobre imagens arquetípicas**. Köln: Taschen, 2012.

UMA CERTA COMPANHIA. **Catálogo de Performance teatral Solos de Memória.**
Rio de Janeiro. 2015.